

CEZARIO, M. M. C.; MARQUES, P. M.; FREITAS JR., R. Resenha do livro “Construcionalização e mudanças construcionais”. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. [www.revel.inf.br].

RESENHA DO LIVRO “CONSTRUCIONALIZAÇÃO E MUDANÇAS CONSTRUCIONAIS”

Maria Maura da Conceição Cezario*

Priscilla Mouta Marques**

Roberto de Freitas Júnior***

mmcezario@letras.ufrj.br

priscillamouta@letras.ufrj.br

robertofrei@letras.ufrj.br

No livro *Construcionalização e Mudança Construcional*¹, uma tradução da obra *Constructionalization and Constructional Changes*, seus autores trazem para a língua portuguesa o trabalho de Elizabeth Closs Traugott e Graeme Trousdale sobre um modelo teórico-metodológico para estudo da mudança linguística. Tal modelo baseia-se na Linguística Centrada no Uso (Usage-Based Linguistics) e delinea-se a partir de contribuições dos estudos de gramaticalização, da concepção de gramática como rede conceptual proposta sobretudo por Hudson (2007) e da concepção de construção da abordagem da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001). Temos o objetivo aqui de, além de resenhar a obra original, agora traduzida, apresentar também alguns exemplos de fenômenos que ocorrem em português, como forma de contribuir para a melhor compreensão do modelo teórico-metodológico oferecido.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); CNPq.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹ Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado.

Os autores de Construcionalização e Mudança Construcional assumem a visão de construção como sendo um pareamento de forma e função e a de que a gramática é uma rede constituída de construções. Baseando-se nessas assertivas, Traugott e Trousdale apontam que a mudança linguística pode ser de dois tipos: **mudança construcional** ou **construcionalização**. A **mudança construcional** dá-se quando há mudança apenas no plano da forma (no nível fonético-fonológico, morfológico ou sintático) ou apenas no plano do conteúdo (no nível semântico ou pragmático-discursivo). Exemplificando, em alguns dialetos do português brasileiro, ocorreu uma mudança construcional na primeira consoante do pronome *a gente*, de a[ʒ]ente para a[X]ente (a pronúncia do “g” de palatal para velar). Na mudança construcional, não há alteração na rede linguística, pois não há formação de um novo nó, ou seja, não há formação de novo pareamento forma-função. A **construcionalização** ocorre quando há mudança no plano da forma e no da função, surgindo, desse modo, uma nova construção ou novo nó na rede linguística. Cada vez que surge uma nova construção, a rede linguística é reconfigurada. Assim, por exemplo, a formação da construção de informalidade e intensificação [Mó X] (FREITAS Jr et al, 2022), instanciada em “Nossa, dá mó vontade de contar pra você tudo que acontece KKKKKKKK” mas sou legal, então vou ficar quieta”² seria um caso de construcionalização, visto que temos um novo pareamento de forma ([Mó X]) e sentido (leitura idiomatizada de intensificação em contexto específico de informalidade) até então não existente no PB.

Os autores procuram demonstrar que todos os casos tratados classicamente como gramaticalização ou lexicalização podem ser abarcados pelo estudo segundo o modelo da mudança construcional e construcionalização. Tal modelo é muito mais abrangente, pois não cobre apenas tipos específicos de mudança (do menos gramatical para o mais gramatical (gramaticalização) ou a formação de novos lexemas (lexicalização)), mas também trata da formação de construções mais esquemáticas como a construção [V-way] ou [Mó X] ou ainda a bem recente construção brasileira [X de milhão], que não necessariamente apresentam trajetória de mudança categoricamente similar aos casos de gramaticalização e lexicalização identificados na literatura. Algumas mudanças podem envolver unidirecionalidade,

² Dado de Twitter do dia 30 de dez de 2013. Exemplo retirado de Freitas Jr., Barbosa e Silva, 2022.

do menos gramatical para o mais gramatical, mas muitas não surgem a partir de uma direção previsível, como, também ocorre, por exemplo, quando itens que são usados constantemente juntos sofrem como em [Eu acho que X] e em [de repente X].

O livro é composto por cinco longos capítulos e um último capítulo mais curto com apresentação do resumo das ideias apresentadas, exemplos de pesquisas realizadas e algumas áreas de pesquisas futuras. No capítulo 1, intitulado “O modelo teórico”, os autores apresentam os conceitos de construcionalização e mudança construcional e a concepção de rede. Fazem uma revisão de várias abordagens construcionais para a linguagem e apresentam as características que as unem, tais como: a concepção de que a unidade básica da gramática é a construção; a visão de linguagem como rede conexionista, ou seja, de nós e links pelos quais estão ligados e o reconhecimento de gramática como sendo uma estrutura holística, em que não havendo nível linguístico autônomo, ou seja, uma estrutura em que os níveis semântico, morfossintático, fonológico e pragmático trabalham juntos para formação e compreensão de uma construção.

Os autores assumem a visão de que a linguagem não é inata e que é derivada de processos cognitivos de domínio geral, esses, de fato, inatos. Após apresentarem uma pequena revisão acerca de várias abordagens construcionais (Gramática de Construções de Berkeley, Gramática de Construção Radical, Gramática Cognitiva, dentre outras), demonstram sua representação de construções: $[[F]] \leftrightarrow [M]$, em que F é forma [*Form*] e M é significado [*Meaning*], ambos ligados de modo convencionalizado na gramática de dada comunidade linguística. Na forma, estão as propriedades da sintaxe, fonologia e morfologia; na função estão as propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas, conforme já demonstrado por Croft (2001), apesar de, diferentemente da abordagem de Croft, a concepção de construção, ao menos a de sua formação, destacada em Traugott e Trousdale, ser de base diacrônica.

Em seu trabalho, Traugott e Trousdale demonstram como usam o conceito de rede (*network*), nós e links entre os nós, distância entre membros de uma família e grau de ligação entre os elementos de uma construção. Esses e outros conceitos relacionados à visão de gramática como rede cognitiva formada de construções foram herdados de Hudson (2007) e são um importante diferencial com relação aos modelos anteriores para a concepção de gramática. A concepção de gramática como uma rede de construções é abordada no capítulo 2.

Ainda no capítulo 1, Traugott e Trousdale apresentam os fatores relevantes para a concepção de construção, demonstrando que as construções devem ser pensadas a partir de diferentes dimensões, todas gradientes, a saber: (a) tamanho: podem ter tamanhos diferentes - podendo ser atômicas (como *red*, *if*, *-s*) ou complexas (como *pull strings* e *on top of*); (b) especificidade fonológica: as construções podem ser substantivas (como *red* e *may*), esquemáticas (como *subject-auxiliary inversion*) ou intermediárias (como *What is X doing Y?* – Exemplo: *What is that fly doing in my soup?*); e (c) tipos de conceitos: as construções podem ser lexicais (como *data* e *dropout*), gramaticais (como *going to*) ou ainda intermediárias (como a *way-construction*). O inventário de construções de todos os tipos é o que se chama de *constructicon*: um inventário de pareamentos de forma-sentido. A ideia de inventário de itens é análoga ao conceito de *lexicon*, sendo o *construction*, porém, não um inventário de signos lexicais, mas de construções (*constructions*) e desta associação origina a formação da palavra *constructicon*.

Para o estudo das construções, é de fundamental importância que se analise o grau de esquematicidade, a produtividade e o grau de composicionalidade de tais estruturas. A esquematicidade é a propriedade de categorização que envolve abstração. Como toda construção, os esquemas mais abstratos também surgem do uso e são memorizados como construções substantivas. A mudança construcional começa quando há novas associações entre constructos e construções ao longo do tempo. Quanto à produtividade, este é um termo usado de diferentes modos. No livro, o termo está relacionado à frequência de tipos de construções e à frequência de ocorrência de constructos. A produtividade de uma construção aumenta quando aumentam os tipos de elementos que podem preencher uma de suas lacunas, por exemplo, na formação da construção [*S be going to V*], inicialmente somente sujeitos animados poderiam ocorrer no *slot* S (sujeito) e com o tempo houve aumento dos tipos que poderiam figurar nesse *slot*, podendo haver muitos usos de sujeitos inanimados também, como “*Leaves are going to fall soon*”³ (As folhas vão cair em breve). Por fim, a composicionalidade está relacionada com o grau de transparência dos elementos da construção e é gradiente, pois as formas tornam-se aos poucos mais

³ Dado retirado do Google em 01 de agosto de 2022, site: https://skifo.com/products/test-product?pr_prod_strat=description&pr_rec_id=fb1105fca&pr_rec_pid=6980040425666&pr_ref_pid=7004866904258&pr_seq=uniform

opacas, como é o caso da opacidade semântica ocorrida com o verbo *go* no seu uso como marcador temporal (o mesmo ocorrendo com o verbo *ir* do português).

As mudanças construcionais podem ser lentas, realizadas através de micropassos de mudanças, ou instantâneas. Em geral, quando ocorre formação de uma nova construção com papel gramatical (construcionalização gramatical), as mudanças são lentas. Mudanças instantâneas podem acontecer em construções com papel lexical (construcionalização lexical). Embora construções lexicais possam gerar construções gramaticais, essa direção não pode ser tomada como um princípio, uma vez que há diversas formas de uma construção ser formada, inclusive através de uma univerbação de elementos usados frequentemente juntos. Os autores ressaltam que novas construções podem continuar a sofrer mudanças construcionais, como no caso de *be going to*, que passou, em alguns contextos, a ser *gonna*.

O capítulo 1 discorre também sobre dois importantes mecanismos de mudança responsáveis pela formação das construções nas línguas: a neonálise e a analogização. Os autores consideram que o termo clássico reanálise não é adequado, porque o usuário da língua não faz uma reanálise de uma construção, mas uma análise diferente, uma análise nova. A nova forma será convencionalizada se for usada por outros falantes em outros contextos. A analogização é o processo pelo qual novas formas são recrutadas para configurar no lugar de outras. Por algum tipo de similaridade semântica ou formal, elementos linguísticos são associados a outros elementos linguísticos, podendo assim figurar na mesma posição.

No capítulo 2, intitulado “Uma abordagem da mudança do signo baseada no uso”, os autores, partindo da ideia de que a língua é uma rede de construções e de que estas estariam relacionadas entre si, apontam que as mudanças linguísticas estariam, por consequência, interconectadas e causariam uma reconfiguração dessa rede como um todo. Essa noção de rede abarca o conhecimento individual, o conhecimento social – compartilhado pela comunidade de fala – e a mudança linguística. Traugott e Trousdale distinguem inovação de mudança, afirmando que a primeira é característica do conhecimento individual, sendo, portanto, o estabelecimento de um novo *link* entre construções ou a criação de um novo nó na rede do indivíduo. Esta inovação pode ficar restrita a uma única ocorrência de dada construção, sendo esta produzida em um contexto comunicativo específico e nunca mais utilizada nem pelo falante que a produziu nem por outros membros da comunidade linguística, o que

não acarretaria, então, em uma mudança na rede ‘comunitária’. Para que haja mudança, segundo os autores, é necessário que essa inovação seja replicada pelos indivíduos de uma dada população, ou seja, é necessário que seja convencionalizada.

Ao longo do capítulo, os autores apontam mecanismos que estão relacionados com a emergência e o armazenamento do conhecimento linguístico e, conseqüentemente, com os *links* estabelecidos entre as construções em diversos níveis da rede taxonômica ou entre níveis de cada construção (plano da forma ou do sentido). Um destes mecanismos é chamado expansão da ativação (*spreading activation*, conforme Hudson, 2010), que seria a ativação simultânea de nós estreitamente associados em eventos de uso específicos, relacionada tanto ao pensamento analógico quanto à neanálise – mecanismo envolvido, portanto, no desenvolvimento de inovações. Ademais, os autores retomam a diferenciação entre analogia e analogização, apresentada no capítulo 1, e afirmam que esta implica necessariamente em neanálise; em outros termos, apontam que toda analogização é neanálise, mas que o inverso não é verdadeiro.

Traugott e Trousdale também discorrem sobre o crescimento, a obsolescência e a reconfiguração da rede envolvidos no processo de mudança linguística. Valem-se, para tal, do estudo da construção com *way* (*way-construction*) e trazem à tona o questionamento sobre em que ponto do *continuum* léxico-gramática tal construção se encaixa (o que reflete a ideia defendida pelos autores de que as construções estão em um *cline* gradiente). Dentre as possíveis respostas apresentadas, citam o trabalho de Gisborne e Patten (2011) que defende que a construção com *way* é um caso de construcionalização gramatical porque envolve aumento de esquematicidade, expansão da classe hospedeira e fortalecimento da categoria. Traugott e Trousdale acrescentam a observação de que, ao longo do tempo, os falantes de inglês passaram a interpretar esta construção de modo cada vez mais procedural, como se pode observar no caráter iterativo do subesquema mais novo.

Os autores finalizam o capítulo retomando um dos questionamentos feitos por Rice (1996) a que se propuseram responder: como se desenvolvem os novos nós e links entre nós na rede? Para Traugott e Trousdale, os primeiros passos para tal desenvolvimento são: (a) inovação (em que há um *mismatch* entre o que foi proferido pelo falante e o que foi interpretado pelo ouvinte e um conseqüente ajuste por parte deste com uma característica do nó diferente do que foi feito pelo falante), (b)

replicação (o ouvinte, na mesma ou em outras situações comunicativas, ao ter o seu turno, reutiliza o construto com o novo *link* feito) e (c) convencionalização (outro ouvinte passa por um processo igual ou similar. Dadas as repetidas associações, os falantes concordam tacitamente com uma relação entre a forma original e o significado recém-analisado – há neste ponto um *mismatch* entre a forma da construção original e os novos construtos). Os autores destacam, porém, como o fazem em diversos outros momentos do livro, que a construcionalização só se realiza quando uma nova unidade simbólica convencionalizada é criada.

No capítulo 3, “Construcionalização gramatical”, os autores abordam mudanças que são de natureza procedural, ou seja, que não são de base lexical, mas que dizem respeito a transformações na língua ocorridas no nível do que tradicionalmente entende-se por gramática. A construcionalização de natureza gramatical está ligada ao surgimento de itens que possuem caráter gramatical, principalmente no que tange à criatividade linguística e relações distribucionais. Na obra, a mudança gramatical a que se referem os autores, porém, é, em boa medida, a mesma abordada nos estudos sobre gramaticalização, a qual é ali repensada em uma abordagem de base construcional. Se tradicionalmente os estudos sobre gramaticalização focalizavam o desenvolvimento de determinados itens gramaticais, os ‘*grams*’, na abordagem construcional defendida pelos autores, é possível pensar em um modelo de processo de mudança que explica também formações e reformulações de papéis gramaticais de itens atômicos ou complexos, que seriam microconstruções de esquemas mais abstratos. Assim, Traugott e Trousdale reformulam o paradigma de pesquisas na área da gramaticalização. Os autores mostram que o modelo de construcionalização gramatical não apenas abarca muitos princípios relacionados ao da gramaticalização, mas também os reformula e amplia, possibilitando o tratamento acerca da mudança linguística em um nível mais complexo e suficientemente abrangente para abarcar diferentes instâncias de mudanças, nem sempre contempladas pelas tradicionais abordagens de gramaticalização, fossem elas de expansão ou de redução.

Resumidamente, o pensamento norteador da construcionalização gramatical é o de que no curso da mudança linguística de uma determinada construção, há o desenvolvimento de uma sequência de pequenas mudanças nos dois níveis do que se entende por construção, levando à formação de um item mais associado à criatividade

linguística e/ou às relações distribucionais/gramaticais. Em outras palavras, levando ao que tradicionalmente entendemos por gramática. Vale salientar, porém, que os autores não determinam a gramática, o *constructicon*, como um inventário de apenas construções decorrentes de construcionalização gramatical, posto ser composta também por itens de natureza prototipicamente lexical, como discutido mais à frente. Em suma, na construcionalização gramatical, tanto no nível do sentido, do papel funcional e discursivo-pragmático da construção, quanto no nível de sua forma, ocorrem pequenas mudanças que, ao longo do tempo, geram um novo pareamento forma-função de natureza mais procedural, (re)organizado na rede construcional, ou seja, no conhecimento linguístico do falante e no de sua comunidade linguística.

Uma das mais importantes reformulações do modelo de gramaticalização proposto em Traugott & Trousdale (2013) diz respeito ao conceito da unidirecionalidade. Noção cara aos estudos da gramaticalização, a unidirecionalidade é vista na abordagem construcional como um princípio que não necessariamente explica toda e qualquer mudança, já que, por exemplo, determinadas instâncias de gramaticalização não seguem a totalidade de etapas por ele previstas. Assim, o modelo construcional de mudança gramatical se apresenta como uma possibilidade robusta para explicação de fenômenos de mudança, mostrando como outros princípios, tais como a analogização e a frequência de uso, explicam fatos da mudança que estão relacionados, por exemplo, ao aumento da produtividade e esquematicidade das novas construções, além da diminuição de sua composicionalidade.

Tais tendências são descritas no capítulo em questão, via exemplificação do estudo de caso sobre duas pseudo-clivadas do inglês: as *'ALL- / WHAT- pseudo-clefts'*. A própria escolha por uma exemplificação de construção não atômica, mas esquemática, enriquece o capítulo, na medida em que ratifica sua tentativa de ampliação da abordagem tradicional da gramaticalização, em defesa de uma abordagem construcional de mudança gramatical, e que não se restringe ao nível do morfema ou de partes menores da gramática. Nesta seção, os autores visam explicar o processo de mudança gramatical dessas duas microconstruções, cujo caráter informacional explicaria seu papel no nível do sentido e a passagem de uma estrutura simples, de única cláusula, para uma estrutura mais complexa, de duas cláusulas.

No estudo, os autores mostram que diferentes possibilidades discutidas no âmbito da gramaticalização, como a expansão de classe hospedeira, sintática e semântico-pragmática, são observáveis na abordagem construcional, embora outros princípios cognitivos, além da própria noção de rede construcional, sejam incorporados ao modelo. Tais mudanças tornam o modelo construcional mais completo e suficientemente consistente para explicar, no que diz respeito à mudança no âmbito gramatical, diferentes fatores relacionados ao papel do uso na (re)formulação da gramática.

No capítulo 4, Traugott e Trousdale abordam a construcionalização lexical (capítulo assim denominado) e relacionam a abordagem aqui adotada aos estudos anteriores sobre lexicalização. Assim como se observa na construcionalização gramatical, a construcionalização lexical, cujo produto é mais conteudístico em vez de procedural, leva ao aumento de esquematicidade e à redução ou perda de composicionalidade no nível microconstrucional.

Parte do capítulo é dedicada a uma revisão e comparação entre diversos trabalhos sobre lexicalização e gramaticalização apontando as diferenças entre esses dois processos, mas também suas notáveis similaridades. Os autores, como já previamente mencionado, adotam uma visão construcionista da linguagem, sendo, portanto, a noção de léxico e gramática como unidades discretas substituída pelo reconhecimento de que a relação entre ambas é gradiente. Para os autores, um ponto-chave para a análise da mudança não seria observar se um elemento é gramatical ou lexical, mas se o resultado da mudança é esquemático ou específico, complexo ou atômico, e principalmente conteudístico, lexical ou principalmente procedural, gramatical – sendo considerada a gradação entre todos esses pares.

Ao nosso ver, a noção de língua como uma rede de construções adotada pelos autores permitiria que eles abordassem o processo de mudança apenas como construcionalização, a despeito da natureza conteudista ou procedural do item emergente. Isso porque a distinção rígida entre léxico e gramática passa a ser cada vez menos usada nas abordagens construcionistas, já que o *constructicon*, como aqui já discutido, é um grande inventário de construções de natureza conteudista ou procedural, o que significa dizer que questões relacionadas à distinção de aspectos ligados à criatividade linguística e ao conhecimento lexical torna-se secundária em relação ao ponto central, aqui destacado, que é a arquitetura construcional da

gramática. No entanto, os autores fazem distinção entre construcionalização lexical e construcionalização gramatical. Parece-nos que a distinção mantida no livro se deve não só ao produto gerado por tais mudanças, mas, sobretudo, à tentativa de mostrarem que o modelo de mudança linguística aqui proposto abrange os processos de gramaticalização e lexicalização e dá conta de diversas outras mudanças ocorridas na língua (inclusive em níveis mais esquemáticos da rede) que não são abarcadas por estes processos.

Os autores apontam que a construcionalização lexical engloba: (i) o desenvolvimento de novas microconstruções complexas; (ii) o desenvolvimento de esquemas e subesquemas complexos, decorrentes de uma série de mudanças construcionais e (iii) o desenvolvimento de microconstruções atômicas, a partir de microconstruções complexas através de uma série de mudanças construcionais. Este processo caracteriza-se, assim como a construcionalização gramatical, por ser gradual, com exceção da emergência de novas microconstruções complexas, que tende a ser instantânea. Diferentemente da construcionalização gramatical, a construcionalização lexical pode envolver perda de produtividade, perda de esquematicidade e, como exposto anteriormente, pode envolver casos de criação instantânea de algumas construções lexicais.

No capítulo 5, “Contexto para a construcionalização”, os autores abordam a relação entre contexto e construcionalização, defendendo que a noção de contexto por eles adotada é central para o entendimento sobre qualquer processo de construcionalização, seja ele de orientação lexical ou gramatical. Argumentam que, na abordagem construcional por eles defendida, a noção de contexto contempla a própria construção: um pareamento de forma-função. Em outras palavras, os contextos sensíveis à mudança linguística podem ser de ordem discursivo-funcional, semântico-pragmática, ou apenas formal, o que contempla a possibilidade de transformação da construção tanto no nível do sentido, quanto no da forma. Assim, a definição de contexto relevante para ocorrência de construcionalização é a que abarca a noção de contexto, como ambiente linguístico de possibilidades e restrições combinatórias, tendo alcance, ainda, a níveis sociolinguísticos e discursivos mais abrangentes, mas ali relacionados.

O ponto que centraliza a discussão sobre a noção de contexto relevante para a mudança linguística é o que retira do contexto sintático o papel de *locus* da mudança,

transferindo-o para a rede construcional: o local afetado pela expansão da ativação (*spreading activation*). Em outras palavras, a construção é o próprio contexto de mudança, seja ela, por exemplo, um macro esquema sintagmático ou um esquema de formação vocabular. Como a construção consiste em um item constitutivo de uma rede de relações, no curso de sua mudança, ela teria sido afetada pela mudança ocorrida em outros espaços da rede, podendo ela mesma estar relacionada à mudança de outras construções.

Assim, o entendimento sobre a relação entre mudança linguística e contextos, nesse modelo teórico, é o de que as mudanças acontecem em contextos específicos e que deve ser entendida em termos de alterações no nível da forma ou no nível do sentido, tendo-se em conta esquemas construcionais de base ao qual, em uma relação por conexão em rede, as novas construções se ligam por herança, além de todo o conjunto de mudanças ocorridas sincronicamente naquela língua.

No último capítulo, os autores resumem os principais objetivos do livro, apresentam algumas descobertas relativas a mudanças construcionais que ocorreram para a formação da construção adjetiva inglesa com *-ish* (*English, cravatish, ish*) e sugerem algumas pesquisas. Destacam que procuraram explorar o modo como a mudança linguística pode ser conceptualizada a partir da perspectiva da Gramática de Construções. Segundo os autores, a principal contribuição de uma perspectiva construcional para repensar trabalhos anteriores em mudança é a de que esse modelo teórico nos faz refletir sobre mudança na forma e na função em conjunto e nos faz analisar a criação ou mudança de links na rede. No nosso entendimento, a grande contribuição do trabalho de Traugott & Trousdale (2013) é, justamente, apresentar um modelo completo e holístico de mudança linguística, consistente com uma visão de gramática francamente a ele associada.

Os autores apresentam dez pontos (cf. p. 232) referentes à natureza da mudança construcional, dentre alguns quais destacamos: (a) forma e significado precisam ser considerados no estudo da mudança; (b) mudanças no léxico e na gramática devem ser vistas como complementares; (c) mudanças ocorrem gradualmente tipicamente através de micropassos, resultando em variação (gradiência sincrônica); (d) mudanças precisam ser entendidas em termos de uso e redes; e (e) as microconstruções e os esquemas dos quais elas participam têm suas próprias histórias, restritas e influenciadas pelo sistema maior do qual fazem parte.

Os autores enfatizam que construcionalização gramatical e lexical não são equivalentes à gramaticalização e lexicalização, mas que certos aspectos de gramaticalização e de lexicalização podem ser incorporados dentro da visão de mudança linguística como a mudança de signo. Afirmam que a habilidade de ver como redes, esquemas e microconstruções surgem, crescem e declinam permite que o pesquisador compreenda que cada microconstrução tem seu próprio desenvolvimento dentro de padrões maiores e em relação a outros nós na rede (cf. p. 233).

Admitindo que os estudos com base no modelo proposto estão apenas no início, os autores sugerem várias áreas para pesquisa, algumas das quais destacamos aqui: mudança de ordem de palavra e desenvolvimento de vários tipos de subordinação; relação entre mudanças fonológicas e mudanças no significado da construção; verificação das áreas de convergência entre o modelo de construcionalização e o minimalismo; abordagem quantitativa da linguística de *corpus* para o estudo histórico de construções (o livro apresentou apenas a abordagem qualitativa); e estudo de casos híbridos de construcionalização gramatical e lexical. Dada a distância temporal entre a publicação do texto original e a resenha de sua tradução ora publicada, diversos estudos construcionistas que cobrem estes temas (mas não os esgotam) vêm sendo desenvolvidos a partir da observação sincrônica, diacrônica ou pancrônica de diversas línguas ao redor do mundo.

Consideramos que o livro traz uma grande contribuição teórico-metodológica para a área de mudança linguística e avança com relação ao modelo de gramaticalização, porque inclui o conceito de construção como pareamento forma-função, apresenta a formação de construções, não só substantivas, mas também esquemáticas, inclui a concepção de gramática como rede de construções e explica as mudanças com base nos processos cognitivos de domínio geral, tais como a capacidade de fazer análise (*parsing*) responsável pela neanálise de formas e a categorização, responsável por enquadrar uma construção dentro de um paradigma já existente, afastando ou aproximando o nó de outro nó linguístico na rede.

O livro – embora seja primoroso no modo de apresentar o modelo, trazer exemplos de construcionalização e mudança construcional – tem alguns pontos que precisariam ser melhor esclarecidos. Um dos problemas que vemos é que construcionalização ora é descrita como um processo de formação de nova

construção com papel gramatical (procedural) ou lexical, sobretudo nos diversos trechos em que são usados termos como *criação* ou *desenvolvimento*⁴; ora é descrita como o resultado de mudanças construcionais⁵. Neste caso, a mudança construcional é que é o processo, é o que realmente acontece com as construções.

Outro ponto que precisaria ser melhor apresentado são os exemplos de mudanças construcionais apenas na forma. Se pegarmos o exemplo de *a [X]ente*, mencionado logo no início desta resenha, como um caso de mudança construcional, podemos levantar a seguinte questão: embora tenhamos a manutenção da semântica-base (*nós* - falante e interlocutor(es)) e da função (pronome) da forma *a gente*, o contexto de uso diferenciado em que esta forma variante ocorre, ou seja, o fato de esta realização estar supostamente relacionada mais fortemente a um grupo social específico (falantes de menor nível de escolaridade) ou a um gênero textual específico (conversa espontânea), por exemplo, não se configuraria em uma mudança também no âmbito do sentido? Em outras palavras, não estamos lidando com uma mudança nos dois níveis deste pareamento, com o surgimento de um novo nó?

Mesmo considerando que esses pontos não ficaram muito claros, consideramos que o livro traz grandes contribuições para a linguística histórica e que apresenta a base para que pesquisas sejam feitas tanto para se verificar mudanças construcionais nas línguas ao longo dos séculos, como para demonstrar as mudanças nas redes linguísticas com a formação de novas construções (construcionalização). Também traz contribuições para a compreensão de processos cognitivos que atuam na decodificação linguística, na busca de novos sentidos e formas para dar conta dos propósitos comunicativos, de aspectos ligados à capacidade holística da mente operar, fazendo analogias de forma e de sentido e novas análises. Em 2020 e 2021, em diferentes eventos *on line*, como os organizados pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Elizabeth Traugott e Graeme Trousdale postularam algumas alterações no modelo teórico-metodológico proposto e, em 2022, a autora publica um novo livro com análises de fenômenos a partir do modelo alterado (TRAUGOTT, 2022). Mas esse é assunto para uma outra resenha. Todas as reflexões e pesquisas

4 Como nos trechos “Construcionalização é a criação de (combinações de) signos forma_{nova} - significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós (...)” (p. 58) e “Construcionalização gramatical é o desenvolvimento de uma forma_{nova} - significado_{novo} por meio de uma série de pequenos passos mudança (...)” (p. 258)

5 Como no trecho “A construcionalização gramatical é o resultado de mudanças, não um processo” (p. 258)

advindas no que é apresentado em *Construcionalização e Mudanças construcionais* levaram e levam a um grande desenvolvimento dos estudos na área da Linguística Histórica, sob a ótica dos Modelos Baseados no Uso.

Referências

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FREITAS JR. Roberto de; BARBOSA, Kleveland Cristian; SILVA, Érica Cristina. Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MÓX]. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 349-361, mai./ago. 2022.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUDSON, Richard. *An introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUDSON, Richard. *Language Networks: the New Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse structuring markers in English: A historical constructionalist perspective on pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021 [2013].